

# **AS REPRESENTAÇÕES E EXPECTATIVAS DE ESTUDANTES DO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR DA UFBA**

**Écio Antônio Portes**, Universidade Federal de São João del-Rei, UFSJ

**Sônia Maria Rocha Sampaio**, Universidade Federal da Bahia, UFBA

**Marianna Luiza Alves Soares**, UFBA

**Thiago Ribeiro Matos**, UFBA

## **Introdução**

Os trabalhos que se ocupam com a vida universitária dos estudantes brasileiros nas universidades públicas são muito recentes. Dentre eles, podemos citar o grande perfil de estudantes das universidades brasileiras produzido pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, de 1968. Projeto ambicioso que cuidou de traçar via *survey* um perfil dos estudantes de uma época que o acesso aos diferentes cursos era restrito a um grupo de jovens provenientes de uma classe média que se formava no Brasil, o que pode ser confirmado também em outro trabalho pioneiro, de Maria Alice Forachi (1965). Poderíamos, ainda, revisitar Aparecida Joly Gouveia (1981), em seus diversos estudos reunidos em um livro de nome Democratização do ensino e oportunidade de emprego. Principalmente o artigo denominado Democratização do corpo discente no ensino superior, de 1965. Podemos incluir no rol desses trabalhos o estudo levado a cabo por Reginaldo Prandi (1982), sobre Os favoritos degradados, mais voltado para a compreensão dos destinos dos jovens recém formados em uma época de crise estrutural, mediante a escassez do trabalho qualificado para profissionais de nível superior.

Mas esses trabalhos não cuidavam da vida acadêmica propriamente dita, da vida cotidiana dos jovens, mesmo que oferecessem alguns traços importantes para compreensão do pertencimento social desses jovens, sobre as carreiras escolhidas e distribuição de homens e mulheres no interior do sistema de ensino superior.

A partir da ampliação das possibilidades educativas produzidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 5692/71, temos uma enormidade de estudos preocupados com as aspirações dos jovens estudantes brasileiros, como podemos ver, no caso de um estudo mais crítico, conduzido por Clarice Nunes, de nome “O que você vai ser quando crescer?”.

Noutro extremo, a partir dos anos 90, começam a aparecer no campo da Sociologia da Educação uma série de estudos que têm como preocupação o entendimento das trajetórias escolares e sociais de sujeitos provenientes dos meios populares, em um contexto de questionamento dos determinismos impostos ao campo pelo paradigma da reprodução, a partir de uma compreensão baseada em estudos micros, que tomam o sujeito como ator, que permitissem explicar a construção dessas trajetórias, como elas se produziram em espaços escolares inóspitos, como se pode ver no levantamento efetuado por Maria do Socorro Néri Souza (2009).

A partir das reformas empreendidas nas universidades públicas federais com o Programa de Apoio a Planos de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais (REUNI), algumas experiências de tipo novo começaram a aparecer no cenário do ensino superior, atinentes as modificações curriculares, as formas de entrada dos estudantes, a implantação de ações afirmativas que priorizam determinadas frações sociais, raciais e portadores de dificuldades, ações de permanência, entre outras. O conjunto dessas ações alterou significativamente um quadro universitário prestes a se fossilizar ao incorporar à nova cena novas instalações, novos professores e novos e diferentes estudantes, em seus diferentes cursos, alterando de forma visível a composição social de vários cursos que pareciam reservados aos herdeiros culturais, como Medicina, Direito e algumas Engenharias. Mesmo que não tenhamos ainda uma compreensão mais crítica dos efeitos dessa “revolução”, seja na qualidade dos serviços ofertados e a quem elas realmente beneficiam. Dados preliminares de pesquisas muito recentes mostram que em determinados cursos abertos pelo REUNI os privilegiados continuam sendo, em sua maioria, estudantes provenientes das classes médias, como podemos ver em Valéria de Oliveira Santos (2012), para ficarmos em um exemplo.

É nesse contexto de mudança que nasce o Observatório da Vida Estudantil da UFBA (OVE), que vem desenvolvendo os seus projetos de entendimento das questões universitárias ligadas à vida estudantil e dialogando com instituições e sujeitos diversos.

No ano de 2009, a Universidade Federal da Bahia implantou os seus Bacharelados Interdisciplinares (BIs) como uma das suas ações de reestruturação denominada UFBA Nova. Ancorada no REUNI, expandiu o número de vagas nos cursos de graduação e ampliou da sua estrutura física<sup>1</sup>. Os BIs inauguram o regime de ciclos na UFBA, sendo uma graduação que pode ser completada em três anos, nas áreas de Artes, Ciência e Tecnologia, Humanidades e Saúde. A forma de ingresso é via Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), sendo oferecidas semestralmente 1.300 vagas nos turnos diurno e noturno<sup>2</sup>.

Para Boaventura de Sousa Santos e Maomar de Almeida-Filho (2008), o perfil de alunos que desejam ingressar nos bacharelados deve ser mais aberto, com interesse em formação na cultura universitária e o desejo de vivenciar a educação para além da carreira profissional. Esse modelo de graduação é flexível, autônomo, demanda maior articulação e atualização dos estudantes e a perspectiva é que os egressos dele sejam sujeitos capazes de realizar uma leitura pertinente, sensível e crítica da realidade natural e humana em que estejam inseridos, podendo enfrentar melhor as exigências do mundo do trabalho atual.

Buscando conhecer o seu público, o Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos, em parceria com o Centro de Processamento de Dados da UFBA, organizam desde 2010 uma pesquisa sociodemográfica junto aos ingressantes nos BIs. Nesse questionário, composto majoritariamente por questões objetivas, há uma questão aberta que busca investigar as expectativas do aluno sobre a sua entrada na universidade e nos bacharelados interdisciplinares. Este trabalho se ocupa dessa questão, buscando extrair significados das respostas dadas.

A análise dos dados quantitativos do *survey* aplicado demonstrou que a idade média dos alunos dos BIs é de 26 anos, são solteiros, negros ou pardos, moradores de Salvador, provenientes de escolas públicas, trabalhadores, e quase a metade deles já havia cursado outra faculdade antes de ingressar no BI, tendo interrompido esses cursos prioritariamente por motivos financeiros. Conheceram os BIs principalmente por

---

<sup>1</sup> Informação disponível em: <<https://www.UFBA.br/historico/UFBA-universidade-nova>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

<sup>2</sup> Informação disponível na Secretaria do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos.

intermédio de amigos e parentes (45%), mas também pela internet (38%). As razões de ingresso foram a possibilidade de uma formação aberta, com mais chances de ingressar no mercado de trabalho (48%), e a importância antes de ingressar em um curso tradicional (35%). Sobre as expectativas com os BIs, a grande maioria pretende fazer seleção interna e ingressar em um curso tradicional (74%) ou ingressar em um programa de pós-graduação (21%)<sup>3</sup>.

### **Aspectos Metodológicos**

As respostas à questão aberta oferecida por 615 estudantes, nosso objeto de trabalho, foram lidas exaustivamente. Posteriormente, cada fala era separada, quando possível, nos aspectos referentes à universidade e aos BIs. À medida que íamos lendo e discutindo as manifestações, por área de conhecimento, íamos também construindo as categorias de análise, como mostraremos adiante. Cuidamos ainda de construir a memória do que se ia fazendo, colocando ao lado de cada fala o número que demos às categorias que foram sendo criadas. A construção de cada categoria foi um trabalho lento, discutido, árduo para ser consensual, isso, também, no momento do enquadramento. Líamos as manifestações e o grupo decidia onde enquadrá-la. Caso houvesse dúvida, criava-se outra categoria. Ao final, tínhamos 29 categorias e algumas ideias claras para discussão. Posteriormente, operamos reduções necessárias com a junção de categorias, mas que não prejudicassem o sentido daquilo que os falantes disseram.

O nosso segundo passo, para produzir uma compreensão didática e oferecer uma contribuição teórica, foi construir dois conceitos, o de incidência e o de densidade para enquadrarmos as categorias nas diferentes áreas do conhecimento. Assim, denominamos de incidência todas aquelas manifestações mensuradas, vistas através das categorias construídas, em cada campo de conhecimento determinado, que podem ser vistas no sentido vertical dos quadros oferecidos adiante, para além de uma medida quantitativa, pois não se trata de uma contabilização imprópria para este tipo de trabalho. A incidência nos permite fazer uma leitura vertical das diferentes manifestações produzidas pelos estudantes. Permite ainda perceber que determinadas manifestações

---

<sup>3</sup> Informações disponíveis no Relatório final do Perfil do BI 2011, disponível na secretaria do IHAC.

são próprias de determinadas áreas, além da visualização daquilo que é comum ao conjunto dos falantes.

Noutro extremo, denominamos de densidade os resultados finais da soma da incidência, que pode ser percebida nas linhas horizontais dos quadros trabalhados, que nos permite não só apontar a incidência das diversas áreas do conhecimento, mas permite perceber a movimentação da incidência no sentido horizontal, pois determinadas manifestações não possuem incidência verificada dentro de suas respectivas áreas. Porém, verificadas de forma horizontal, permitem que possamos perceber a densidade dessas manifestações no conjunto das áreas, no conjunto dos falantes. A densidade pode ser percebida ainda de forma forte, por exemplo, quando se verifica a categoria “Aquisição de capital profissional”, e de forma relativa, por exemplo, quando se verifica a categoria “Universidade pública como oportunidade social”. A densidade, ou a ausência dela, nos permite ver ainda que determinadas manifestações são muito particulares, possuem sentidos próprios, que parecem não possuir eco no conjunto das manifestações produzidas, como a categoria “Universidade como espaço de formação política/cidadã”.

Ao utilizarmos no título as expressões representações e expectativas, já estamos mostrando que esses estudantes possuem um forte conhecimento do que possa ser a UFBA, pois demonstram saber que se trata de uma universidade tradicional, respeitada, que oferece ensino de qualidade, é espaço de produção do conhecimento e uma instituição que pode ampliar os horizontes culturais, profissionais e políticos. Entendemos o conceito de representação no sentido que Roger Chartier(1990) dá a ele.<sup>4</sup>

Por outro lado, tomamos a expressão expectativa porque identificamos que os estudantes depositam uma forte esperança na construção de um futuro diferente daquele a eles destinado, pois muitos não acreditavam que fosse viável entrar na UFBA. Eles

---

<sup>4</sup> Vai aqui uma longa nota, mas necessária: “A noção de representação permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns ‘representantes’(instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetua a existência do grupo, da classe ou da comunidade”, ( CHARTIER, 1990, p.23).

apostam que, após a passagem pela universidade, passarão por uma transformação social e profissional, mesmo que tudo isso se dê no nível da expectativa, pois parecem ignorar todos os desafios de um processo de afiliação institucional a ser vivido no interior da universidade e os riscos que ele coloca para uma passagem menos sacrificiosa por essa experiência, como bem demonstra Alain Coulon (2008).

Esse conjunto de falas aprisionadas nos questionários teria muito pouco a dizer sobre a UFBA e os BIs caso não nos ocupássemos delas. Elas requerem uma interpretação. Foi o que fizemos e socializamos. Não sem reflexão: “É isso mesmo?”, “Será que cabe aqui?”, “Não estamos empobrecendo o que o sujeito diz?”. E íamos assim nos perguntando e nos questionando no nosso fazer, para produzir uma questão mais fulcral: que leitura mais geral pode ser feita a partir das categorias construídas?

### **As categorias construídas**

A seguir, apresentamos as condensações produzidas por nós a partir da leitura exaustiva e reflexiva das manifestações individuais à procura da produção de sentido coletivo, mais geral, agregado. Mas procuramos também não banalizar o significado e a importância dessas revelações, pois, sabemos, muitas delas sem expressão de incidência e densidade teriam muito a nos dizer e revelam comportamentos sociais mais amplos e de difícil percepção nas nossas práticas universitárias mais cotidianas. Por exemplo, intrigou-nos muito o fato de observar que em 615 manifestações dos entrevistados, vistas uma por uma, apenas um entrevistado toma a “Universidade como espaço de formação política e cidadã”, como se pode ver nos quadros abaixo, construídos para contemplar as manifestações sobre a universidade e sobre os BIs, mas analisados conjuntamente.

Quadro I – Manifestações sobre a UFBA e suas possibilidades formativas

CATEGORIAS	ARTES	C & T	HUMAN.	SAÚDE	TOTAL
Aquisição de capital profissional	44	54	37	46	181
UFBA como distinção	29	24	28	22	103
Aquisição de conhecimentos pessoais, culturais e acadêmicos.	37	13	25	17	92
Universidade pública como oportunidade social	9	14	26	8	57

Desconhecimento da UFBA	7	4	6	6	23
Universidade como lugar de prazer	9	3	4	1	21
Universidade como espaço de ampliação de possibilidades subjetivas	10	-	5	1	16
Universidade como lugar de trabalho árduo	6	1	4	2	13
Universidade como espaço de formação política/cidadã	-	1	-	-	1

Fonte: Sarvey do IHAC/UFBA, 2011, construção própria dos autores.

Quadro II – Manifestações sobre os BIs e suas possibilidades formativas

CATEGORIAS	ARTES	C & T	HUMAN.	SAÚDE	TOTAL
BI como inovação	9	8	29	16	62
BI como oportunidade de escolhas no processo	6	6	21	8	41
BI como espaço estratégico de ampliação de horizontes acadêmicos	7	9	8	14	38
BI como aquisição de capital profissional	8	3	1	8	20
BI como espaço de intercomunicação de conhecimentos	3	3	4	6	16
BI como facilitador da entrada na UFBA	-	-	3	6	9
BI como possibilidade de ampliação de conhecimentos pessoais subjetivos	4	2	-	2	8

Fonte: Sarvey do IHAC/UFBA, 2011, construção própria dos autores.

Observando-se a movimentação da densidade das categorias nos quadros oferecidos, que pode ser vista no sentido horizontal, podemos ver que a categoria “Aquisição de capital profissional” é aquela que apresenta maior densidade, 181 manifestações. A partir dessa manifestação mais extrema, tomamos como padrão para análise de incidência e densidade significativas aquelas que correspondem a 10% de 181, ou seja, aquelas que apresentam 18 manifestações, seja no sentido vertical ou horizontal. Quando observamos a presença de diferentes categorias no interior dos campos de conhecimento dos BIs isso parece ser aceitável como parâmetro para

falarmos de incidência e densidade com mais visibilidade e que mereçam ser destacadas pelas cores utilizadas nos quadros propostos.

Aplicando-se essa determinação nos quadros expostos vemos que apenas seis categorias apresentam-se como incidência forte, como destacamos, principalmente nas Ciências Humanas, como podemos ver no sentido vertical. Por outro lado, quando analisamos a densidade dessas categorias, vista na horizontal dos quadros, percebemos que 10 categorias apresentam densidade, sendo cinco delas destacadamente forte. Nesse caso, a densidade das categorias ganha maior visibilidade, pois, se algumas não possuem expressão no seu campo de conhecimento estrito, no conjunto das manifestações elas ganham visibilidade e importância, como é o caso de categorias como “Desconhecimento da UFBA, Universidade como lugar de prazer, BI como espaço estratégico de ampliação de horizontes acadêmicos e BI como aquisição de capital profissional”. Acreditamos que essa posição tomada por nós facilita a compreensão das manifestações e acentua o rigor necessário e nos permite questionar os limites de uma expressão muito próxima do senso comum em trabalhos “qualitativos” de que “tudo que o sujeito fala é importante”.

### **Considerações finais**

A seguir, passamos a discutir pontualmente, em um esforço de síntese, algumas considerações a partir dos dados expostos.

1) Está suficientemente marcado nas manifestações, vistas na categoria “Aquisição de capital profissional” o desejo daqueles que ingressam nos BIs de uma formação profissional instrumental que a UFBA pode oferecer. Percebemos que, prioritariamente, para os estudantes de origem trabalhadora como os estudantes com o perfil dos aqui questionados, a universidade é vista como capaz de operar uma redenção da sua condição social via diploma, e eles apostam nela. O que não quer dizer, absolutamente, que no processo de se fazerem estudante eles não possam se inserir em processos culturais mais formadores culturalmente, para além de uma cultura profissional. Esses processos culturais, como bem mostra Umberto Eco (1970), são processos abertos, que não comportam determinações extremas e, após se inserir neles, não se tem mais controle dos desdobramentos dessa inserção.



Por outro lado, estudos sociológicos mais recentes, como os empreendidos por Bernard Lahire (2006, p.483) vêm mostrando, por exemplo, que aquele capital cultural sugerido por Pierre Bourdieu, fundado na cultura clássica (teatro, música, literatura, etc.), que extraia seu valor menos por sua utilidade profissional ou de sua rentabilidade econômica e mais de seu poder de distinção “tende a regredir em proveito do capital cultural em sua forma científica e técnica e, sobretudo, burocrático-política, cuja rentabilidade econômica é assegurada pelo crescimento de novas demandas de serviços simbólicos”.

2) A outra manifestação de densidade forte é aquela que toma a “UFBA como distinção”. Reconhecem que a UFBA é um bem raro, a que poucos têm acesso, que oferece um diploma capaz de diferenciar o seu portador, e exaltam a sua historicidade, qualidade e oportunidade de democratização de acesso e de permanência. Podemos intuir pelo conjunto mais abrangente dos dados que esses falantes já são “iniciados”, pois conhecem “de dentro” o ensino superior (para 46,0% dos casos) e conseguem fazer uma diferenciação importante sobre a oferta escolar nesse nível a ponto de orientarem suas vontades e desejos no sentido de ter acesso à UFBA.

3) Mas aparece de forma também forte a categoria “Aquisição de conhecimentos pessoais, culturais e acadêmicos”. Para esses falantes, a universidade ainda é aquele espaço privilegiado, para além, como já afirmamos, de um espaço formador de uma cultura estritamente profissional. Esse espaço aparece como um espaço complexo, onde aquele que nele ingressa associa um conjunto de aquisições no seu processo formativo, ao longo de sua inserção. Já apontamos anteriormente os riscos desta expectativa, pois, é enorme o conjunto de estudantes que trabalham e que pretendem trabalhar no decorrer do curso. O tempo que se ocupa com o trabalho remunerado é também o tempo que não se utiliza no trabalho acadêmico, ampliando-se os riscos do cesso ao conhecimento. É justamente o acesso ao conhecimento que democratizaria mais a universidade para esse tipo de sujeito e poderia propiciar a sua mobilidade sócio-cultural.

4) É digno de se ressaltar a densidade das manifestações que apontam a escolha da UFBA por ser uma universidade federal e aqueles que a apontam como uma oportunidade social. No nosso entendimento, embora possam parecer manifestações distintas, nelas estão, para esse conjunto de estudantes, respeitadas as suas características mais gerais, extremamente associadas, pois não é difícil compreender

que, para um conjunto significativo de estudantes, a possibilidade de continuidade no curso superior só se efetiva em universidade pública, caso da UFBA, configurando-a como oportunidade social.

5) Chama também a nossa atenção a entrega dos estudantes aos BIs, pela forte aceitação destes como uma inovação, porque eles oferecem oportunidades de escolha no decorrer do processo de formação, pois já está sobejamente demonstrado o custo da evasão universitária “por não se saber o que cursar”. As manifestações mostram que os BIs, são vistos como inovação em uma estrutura universitária arcaica, que pouca criatividade apresentava aqueles que por ela procuravam.

6) As manifestações mostram com clareza que, para um conjunto de estudantes, mais estrategistas, tomando a estratégia aqui no sentido que Raymond Boudon dá a ela, como uma ação interessada, voltada para um determinado fim, portadora de uma determinada racionalidade, os BIs são um espaço estratégico de ampliação dos horizontes acadêmicos. Essas manifestações deixam antever que um conjunto significativo de estudantes já sabe *a priori* as regras do jogo universitário e que os BIs favorecem a alguns “jogadores” a oportunidade de participar de um jogo no qual não tinham chances, como exemplo: entrar para o curso de Medicina, Direito e algumas Engenharias. Só que esse jogo é antigo, como já nos alertava Gouveia (1968,p.34):

“Por outro lado, não se terá conseguido tal democratização, mesmo quando possam as camadas menos favorecidas frequentar cursos superiores, enquanto os filhos de industriais se concentrarem em faculdades de Medicina, Arquitetura e Engenharia, e os filhos de operários, em cursos de Economia e Direito de segunda categoria”.

A riqueza das manifestações condensadas nas categorias expostas, para além de uma análise meramente quantitativa, mostra que estamos diante de sujeitos que tiveram as suas esperanças de formação superior em um espaço público renovadas e ampliadas, deixando antever destinos escolares antes impossíveis de serem sonhados, demonstrando como os BIs se aproximam da esperada democratização da universidade pública brasileira. Percebemos também que, apesar da novidade dos bacharelados, já há por parte dos estudantes aprendizagens sobre jogos institucionais a serem realizados para alcançar cursos tradicionais de alta concorrência, por exemplo. Reconhecem e

valorizam também as inovações trazidas por essa nova modalidade de graduação, como a flexibilização e as possibilidades de escolhas processuais.

Por outro lado, essas representações e expectativas alertam a Universidade, mas principalmente aqueles sujeitos que dão vida, que dão alma a ela, do compromisso político assumido com essa parcela da população, de uma formação múltipla, ampla, de qualidade e democrática, que se efetiva, mesmo que lentamente.

## **Referências**

CASTRO, C.L. Monteiro de et alii. *Caracterização sócio-econômica do estudante universitário*. INEP, Brasília, 1968.

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa, Difel, 1990. Trad. Maria Manuela Galhardo

COULON, Alain. *A condição de estudante. A entrada na vida universitária*. Salvador, EdUFBa, 2008.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo, Perspectiva, 1970.

FORACHI, Maria Alice. *Os estudantes e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1965.

GOUVEIA, Aparecida Joly. *Democratização do ensino e oportunidades de emprego*. Loyola, São paulo, 1981.

LAHIRE, Bernard. *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre, Artes Médicas, 2006.

PRANDI, Reginaldo. *Os favoritos degradados. Ensino superior e profissões de nível universitário no Brasil de hoje*. São Paulo, Loyola, 1982.

SOUZA, Maria do Socorro Néri. *Do Seringal à Universidade: O acesso das camadas populares ao ensino superior*. Tese (Doutorado). Belo Horizonte-MG. 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa.; ALMEIDA-FILHO, Naomar. *A universidade no século XXI: Para uma Universidade Nova*. Coimbra, 2008. Disponível em:

<<http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/A%20Universidade%20no%20Seculo%20XXI.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2011.

SANTOS, Valéria de Oliveira. A longa espera: a entrada tardia de estudantes de classe média no curso de Medicina da UFSJ. Dissertação de Mestrado. São João del-Rei, 2012.